

risco: *Os versos límpidos da mineira Ana Martins Marques* • 3

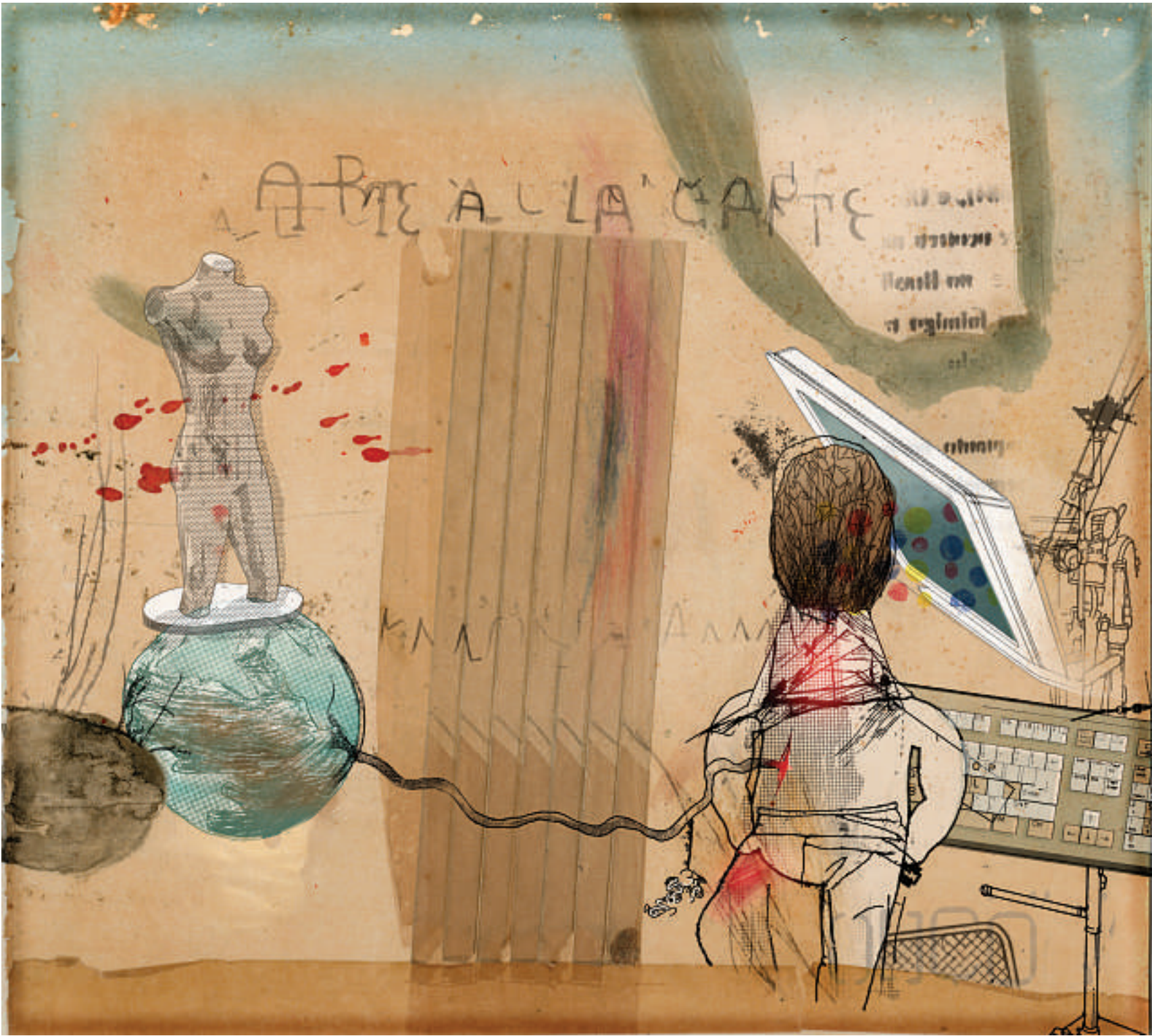
PROSA & VERSO

Jabuti: *Editores e autores discutem as mudanças do prêmio* • 5

SÁBADO, 26 DE MARÇO DE 2011

A vanguarda da pilhagem

No maior site de arte experimental na web, a ordem é roubar primeiro e resolver depois



Cavalcante

Miguel Conde

Roubo, plágio e pilhagem de textos são as principais técnicas ensinadas pelo poeta Kenneth Goldsmith aos alunos das suas oficinas de escrita não criativa na Universidade da Pensilvânia. Seus métodos literários, ele afirma, são os mais adequados a uma época em que a principal arte popular é o arquivamento de dados (em computadores, celulares ou servidores online), e na qual “a pessoa que

pode apontar a melhor informação é mais poderosa do que a pessoa que faz a melhor informação”. Descritos por ele próprio como “chatos” e “ilegíveis”, os livros de Goldsmith a rigor não são escritos, mas antes transcritos. “The Weather” (2005) reúne um ano de boletins meteorológicos ouvidos no rádio; “Soliloquy” (2001), tudo que Goldsmith disse durante uma semana; “Day” (2003), uma edição inteira do “New York Times”.

— Mande um exemplar para o jornal, na esperança de ser processado, mas não deu certo — diz Goldsmith de Nova York, onde vive. — A questão central com os direitos

autorais é o dinheiro. Posso “roubar” o que quiser porque minha poesia não dá lucro.

O mesmo acontece com a mais espetacular obra arquivística de Goldsmith — o site UbuWeb (www.ubuweb.com), uma página criada por ele em 1996 e que hoje reúne o maior acervo de arte de vanguarda na internet. De James Joyce lendo “Finnegans Wake” a um longa-metragem dirigido pelo músico John Cage, o UbuWeb possui um conjunto de milhares de vídeos, áudios e textos que dificilmente podem ser encontrados em outro lugar. A coleção do site cresce rápido porque Goldsmith publica primeiro e resolve depois,

na conversa, as reclamações ocasionais.

— Ele acredita que não precisa pagar direitos autorais, e acho que está certo — afirma a crítica literária americana Marjorie Perloff, professora emérita de Stanford. — O site dá acesso grátis e universal a obras que estavam sumidas ou eram itens de colecionador.

Para a crítica de arte da revista “The New Yorker”, Andrea K. Scott, o site é mais do que um arquivo virtual:

— O UbuWeb desafia definições. É muitas coisas para muitas pessoas. É o mapa e o território. É a água e a onda. É uma obra de arte se você disser que é. *Continua na página 2*

Em *Narrativas migrantes*, Vera Follain de Figueiredo (Comunicação, PUC-Rio) põe em diálogo o cinema e a literatura. O livro aponta as mudanças nessas duas artes através dos tempos, com a evolução do padrão estético e as transformações nas tecnologias e no mercado.

284 páginas
R\$ 39

À venda nas livrarias: Argumento (Leblon), Arlequim, Beco das Letras, Blooks, Bolívar Cultural, Carga Nobre (PUC-Rio), Folha Seca Livraria, Leonardo da Vinci, Livraria do Museu, Livrarias da Travessa, Moviola e Timbre.

7 LETRAS

10 anos EDITORA PUC RIO LIVROS PARA TODA A IDADE

www.puc-rio.br/editorapucrio

NARRATIVAS
MIGRANTES:
LITERATURA,
ROTEIRO E
CINEMA

VERA LUCIA FOLLAIN DE FIGUEIREDO

PUC 7 LETRAS

Continuação da página 1

Uma outra versão da cultura moderna

Site nasceu dedicado à poesia concreta e hoje vai de Caetano a Kurt Schwitters e versos colados em orelhão

Divulgação/David Velasco

Não existe no mundo um acervo de arte moderna e contemporânea ao mesmo tempo tão extenso e acessível quanto o do UbuWeb, que nasceu dedicado à poesia concreta e até hoje reúne textos de Haroldo e Augusto de Campos, Décio Pignatari e José Lino Grunewald, além de músicas de Caetano Veloso. Visitada por pesquisadores e artistas, incluída na bibliografia de cursos universitários, citada no “Guardian” e no “New York Times”, a página ganhou uma importância que contrasta com a maneira um tanto informal como foi construída.

— É um recurso indispensável, mas que tecnicamente infringe muitos, muitos direitos autorais — resume o crítico e historiador Darren Wershler, que prepara um livro sobre o site. — A sobrevivência do UbuWeb pode em boa parte ser atribuída à personalidade de Goldsmith. Ele tem a audácia de continuar adicionando novo material, e o charme para convencer a maioria das pessoas irritadas que escrevem pedindo que ele tire algo do ar.

Apesar da relativa notoriedade, o site faz o possível para não aparecer muito no radar. Para diminuir problemas com direitos autorais, Goldsmith resolveu excluir o UbuWeb (cujo nome faz referência ao personagem Ubu, das peças do escritor francês Alfred Jarry) do cadastro do Google. Uma busca por “John Cage” no acervo do UbuWeb retorna 191 resultados. Mas quem procurar obras de Cage pelo Google não encontrará nenhum link direto para o UbuWeb. De certa maneira, hoje é preciso saber que o site existe para encontrá-lo, embora ele continue registrado “em todos os buscadores ruins”, como diz Goldsmith, em referência a serviços como Bing, Altavista etc.

Cinco meses atrás, a página foi derrubada por hackers, o que fez com que Goldsmith mudasse seus provedores para o México. A queda foi comemorada numa lista de discussão online por um grupo de cineastas, segundo Goldsmith a “classe” que mais reclama do site:

— Eles são o que mais sofrem com a transição para a internet, passam de uma tela enorme numa sala escura para um quadro pequeno num monitor.

Como transformar Yoko Ono de inimiga em amiga

Em geral, no entanto, o site conta com uma boa vontade que não pode ser atribuída apenas à lábia de seu criador. É o que se percebe pela história de um dos itens mais curiosos do acervo do UbuWeb: um documentário sobre os efeitos alucinógenos da mesalina e do ha-xixe dirigido pelo cineasta Eric Duvivier em colaboração com o poeta francês Henri Michaux. Autor de livros em que registrava suas experiências psicodélicas, Michaux ficou insatisfeito com o resultado final do filme, feito por encomenda de uma empresa farmacêutica. Depois de algumas exhibições, o poeta se opôs à circulação da obra. O filme passou décadas desaparecido, até aparecer um dia no UbuWeb. Um representante do legado de Henri Michaux ficou sabendo — mas deixou passar porque gostava do site.

Quando a reputação não basta, Goldsmith faz o possível para “transformar inimigos em amigos”. Uma das pessoas a passar por essa conversão foi Yoko Ono. Os advogados da viúva de John Lennon entraram em contato com o site em 2002, quando Goldsmith botou no ar as dez edições da revista multimídia “Aspen”. Cada número da revista, publicada entre 1965 e 1971, vinha numa caixa com folhetos, cartões, pôsteres e discos. Um desses discos trazia obras experimentais de Lennon e Yoko, como uma faixa em que Lennon tentava criar uma melodia apenas mexendo no botão de volume de um rádio, e uma colaboração em que os dois musicavam notícias de



KENNETH GOLDSMITH

(acima): criado por ele, o

UbuWeb reúne

vídeos, áudios e

livros de artistas

modernos e

contemporâneos



“

É um recurso indispensável, mas que tecnicamente infringe muitos, muitos direitos autorais. Goldsmith tem o charme para convencer a maioria das pessoas irritadas que escrevem pedindo que ele tire algo do ar.

Darren Wershler, crítico

“

O site mostra que existe toda uma tradição da vanguarda a ser estudada com mais cuidado. Ali você encontra uma história diferente do que é a cultura moderna.

Mac Wellman, dramaturgo

CORPO A CORPO

KENNETH GOLDSMITH

‘O site é muito ruim, não sou um grande historiador’

• Criador do site UbuWeb, o poeta conceitual Kenneth Goldsmith diz que a arte atual não leva em consideração as transformações sociais produzidas pela tecnologia digital. Por telefone, de Nova York, ele conversou com O GLOBO sobre a criação artística no mundo atual.

Miguel Conde

O GLOBO: O UbuWeb usa muito o termo “vanguarda” para definir as obras de seu acervo. Essa é uma expressão em geral tida como datada. Como você a entende?

KENNETH GOLDSMITH: Nos anos 1980 era proibido falar em vanguarda, porque o termo tinha conotações modernistas, patriarcais. Aquela definição de vanguarda era tão estreita que hoje, na verdade, ninguém liga mais para ela. O Ubu tende a ser uma abordagem revisionista da vanguarda, marcada, em contraste com a outra, pela impureza.

• Você organizou recentemente um livro sobre poesia conceitual, onde diz que ainda pensamos a arte nos termos românticos estabelecidos no século XIX por autores como William Wordsworth. Qual o problema dessa concepção de arte?

GOLDSMITH: A maior parte da produção artística ainda está presa a ideias de gênio e originalidade. Não acho que a arte atual leve em consideração que vivemos uma idade digital, na qual o que fazemos é menos importante do

que a maneira como distribuímos o que é feito. Num mundo eletrônico, a pessoa que pode apontar a melhor informação é mais poderosa do que a pessoa que faz a melhor informação. É uma inversão, por isso gosto de falar de “não criatividade” (“uncreativity”). Se você pensar por exemplo em algo como o Boing Boing... Eles são o blog mais poderoso da internet, mas não criam nada. Apenas apontam o que você deve ver, e são mais poderosos do que qualquer coisa para a qual apontem.

• Além da questão criativa, você vê uma oposição entre o mercado de arte, que movimenta bilhões, e o que um projeto como o UbuWeb faz?

GOLDSMITH: Sim. O UbuWeb se opõe a esses modelos. O UbuWeb não sente que esses modelos sejam contemporâneos. O poder está no múltiplo e distribuído, não no escasso e único.

• A arte pode escapar a essa lógica de mercado?

GOLDSMITH: Não acho que os artistas hoje se coloquem essa pergunta. Enquanto o mercado funcionar, não há motivo para se questionarem. O que acho que vai acontecer é que cada vez menos pessoas vão se interessar por isso. As obras de arte vão acabar como antiguidades, raridades, e o resto do mundo vai em frente. Isso é triste. O campo artístico sempre foi aquele

que nos deu novas ideias e hoje acho que isso se inverteu, a cultura mainstream está muito à frente. Às vezes vou a uma galeria de arte e sinto que estou em 1981.

• Embora fale em “não criatividade”, você mal ou bem tem uma obra, não?

GOLDSMITH: A única coisa a e a melhor que um artista pode fazer é conseguir enunciar em seu trabalho o tempo e condições sob as quais vive. E se pode comunicar isso por meio do seu trabalho, iluminar isso, acho que então o trabalho é bem sucedido, porque é contemporâneo. É o melhor que pode fazer. Não estou buscando a eternidade aqui.

• Que itens do acervo do UbuWeb você ficou particularmente feliz de obter?

GOLDSMITH: Não saberia dizer, nem lembro de tudo que está online. O site é muito ruim, porque é na maior parte reflexo do meu gosto. É muito tendencioso, não sou um grande historiador de arte. Como ninguém mais faz algo assim, ele tornou-se institucionalizado, como nunca quis que fosse. O site é um desafio para que outros façam do jeito certo. Já pensou isso feito por historiadores da arte, do cinema, pelo MoMA? Seria muito melhor.

• Por que não é feito?

GOLDSMITH: Direitos autorais. Ninguém faz algo assim, por medo de ser processado.

uma sonata fonética em quatro movimentos, ignorados em seu *catalogue raisonné*, que se dedica apenas à sua obra visual. Algo parecido acontece com os experimentos musicais do pintor Jean Dubuffet, estranhas misturas de *jam sessions* com recitais de poesia.

— O site mostra que existe toda uma tradição da vanguarda a ser estudada com mais cuidado — diz o dramaturgo Mac Wellman, que deu um curso sobre o UbuWeb no Brooklyn College. — Ali você encontra uma história diferente

do que é a cultura moderna.

A noção de “vanguarda” usada no site é elástica e inclui de etnopoesia a obras contemporâneas. Uma seção intitulada “Outsiders” reúne poemas apócrifos colados em orelhões de Nova York no começo dos anos 1990 e panfletos nonsens distribuídos pela cidade que atribuíam a uma organização secreta chamada A Ordem Antiga a responsabilidade pelo bombardeio de Pearl Harbor e pela morte de Bruce Lee, entre outras coisas.

A crítica Marjorie Perloff diz

que um dos méritos do site é botar o termo vanguarda mais uma vez em circulação, desafiando as interdições de historiadores e teóricos da arte:

— Todos esses termos, modernismo, vanguarda, pós-modernismo, se baseiam em distinções muito escorregadias. Muitas pessoas se opõem ao termo vanguarda, pensam que soa elitista. Mas é claro que é elitista, sempre foi. O UbuWeb é fundado nessa crença, de que precisamos de um site que não vai se dedicar apenas ao que agrada à média das pessoas. ■

jornal sobre eles mesmos.

— Após algum diálogo, Yoko deu permissão para mantermos os arquivos — diz Goldsmith. — Esse tipo de coisa acontece o tempo todo no Ubu. É uma noção flexível de direito autoral, improvisada, com base na confiança. Todos saem ganhando.

Explorar as obras que estavam desaparecidas, ou tinham uma circulação mínima, até serem recuperadas pelo site é se dar conta de quanto da arte do século XX, em aparência tão próxima e familiar, já caiu numa área de sombra conhecida ape-

nas por especialistas, ou nem isso. Em suas dez edições, a “Aspen” publicou textos de Roland Barthes e Marshall McLuhan, composições de John Cage e Lou Reed, e teve uma de suas caixas criada por Andy Warhol. Mas até aparecer no UbuWeb, a revista só podia ser achada na coleção de um punhado de bibliotecas públicas. Mesmo a obra de artistas canônicos tem lados menos óbvios registrados ali. Conhecido por suas colagens, o alemão Kurt Schwitters aparece no site com uma série de poemas sonoros, entre eles